

Resenhas

2013 que urge e ruge

FLÁVIA LUCCHESI

Camila Jourdan. *2013: memórias e resistências*. Rio de Janeiro, Circuito, 2018, 181pp.

2013 não acabou. Seus efeitos permanecem em desdobramentos no presente e as forças que estiveram em seu epicentro seguem em luta. Muitos formadores de opinião — jornalistas, comentaristas, políticos, *youtubers*, intelectuais, etc. — falaram e falam sobre *junho de 2013*. Em sua maioria, situam-se prostrados em um lado e apontam para os culpados, obviamente, localizados do lado oposto. Esses discursos à esquerda, à direita e ao centro, fazem um balanço positivo ou negativo dos efeitos de *junho*, e condenam, em uníssono, as *ações diretas* dos *black blocs* e sua recusa à negociação, muitas vezes colocando-os como a *causa* da situação política adversa atual.

Na contramão desses discursos binários e na disputa pelo legado de *2013* está o livro *2013: memórias e resistências*. Ele afirma a importância salutar de se contar uma história *menor*, histórias próprias dos insurgentes e daqueles que explicitam os interesses de Estado. E mostra os embates quentes que atravessam o livro e que situam sua

Flávia Lucchesi é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: flucchesi@gmail.com.

urgência: as forças dominantes almejam aniquilar as forças insubordinadas que incendiaram as ruas e mostraram que uma outra forma de vida é possível.

Camila Jourdan, autora do livro, é professora no Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e anarquista. É também uma das pessoas sentenciadas pelo que ficou conhecido como “processo dos 23”, pessoas delatadas e apanhadas em meio às centenas de milhares de manifestantes que fizeram as *jornadas de junho*. Os relatos de Camila Jourdan e suas análises mostram com clareza o que estava e está em jogo e as forças em luta. A sentença aos 23 foi a maneira penal, própria do Estado, de tentar enterrar *junho de 2013*; mas, como enfatiza a libertária, “a prisão não apaga nossas lutas, e nossa história permanecerá viva” (p. 18). E o registro dessa história viva pulsa através das páginas, encontrando os leitores, conhecedores do que se passou e passa, e problematizando as variadas interpretações acadêmicas, jurídicas e políticas para os demais. Situa a expansão de sua potência, do que é incontível.

Neste contrafluxo também está a Coleção Ataque, inaugurada no final do ano passado com o lançamento do livro de Jourdan. A coleção busca captar e publicizar um efeito de *junho de 2013*, “ao menos uma pequena parte do fluxo de radicalidade (anti)política que escorre pelo planeta”. Propõe-se a trazer textos anárquicos que situam temas de enfrentamento com alvos precisos, como os escritos de Camila Jourdan. “Livros curtos para serem levados no bolso, na mochila ou na bolsa, como pedras ou coquetéis molotov. Pensamento-tática que anima o enfrentamento colado à urgência do presente. Ao serem lançados, não se espera desses livros mais do que efeitos

2013 que urge e ruga

de antipoder, como a beleza de exibições pirotécnicas. (...) [e] que as leituras produzam efeitos no seu [nosso] corpo.”

A leitura deste livro produz efeitos que ativam a memória de quem viveu *junho de 2013*. Este *acontecimento* alvejou não só a história política, social e econômica do Brasil, mas cada corpo — ao menos cada corpo que vive nas grandes cidades do país. Corpos que experimentaram outras formas de se manifestar, de se relacionar, que se lançaram em combates diretos, descobrindo outras formas de viver; corpos rígidos de quem ia às ruas marchar por suas causas e reclamar suas indignações, voltando para casa incólumes; corpos autoritários que queriam ordenar e eliminar seus inimigos, escancarando que os fascistas não são mais identificáveis apenas pela estética dos *carecas* e grupelhos neonazistas; corpos apavorados de grandes proprietários e governantes que apelaram para o seu monopólio da violência e do terror, convocando os corpos fardados para exercer a repressão; corpos de gente *de bem* que se esconderam, pretendendo estar seguros, em suas casas e empregos, temerosos.

A leitura de *2013: memórias e resistências* ativa outras percepções, atçando *outros* corpos.

Ao escrever sua história, de quem viveu *2013* no campo de batalha como militante na OATL (Organização Anarquista Terra e Liberdade) e na FIP (Frente Independente Popular, surgida neste contexto), Camila Jourdan nos convida à parceria. Em sobressalto, lemos alguns episódios que mudaram sua vida e a transformaram. E que fazem pensar em quantas mais vidas que ali estiveram, dentre os milhares de pessoas que tomaram as ruas, não foram também completamente arrebatadas

e transformadas. Sem lançar mão de recurso literário, Camila Jourdan nos leva a sentir o “sabor de chocolate e cheiro de gás lacrimogêneo” (p. 52) na batalha da ALERJ e arrepiar com a força daqueles muitos corpos incógnitos, vestidos de negro e com seus rostos cobertos.

As descrições da autora, feitas de dentro do *acontecimento*, mostram a potência das diferenças. Foi o heterogêneo que fez eclodir o *junho* incendiário e que se erigiu contra alvos precisos: as forças policiais, afirmando a recusa à sujeição às suas violências; os prédios públicos e as instituições do Estado; os bancos que tanto roubam e endividam muitos dos que ali estavam; as lojas cujos produtos e sabores são acessíveis a poucos. A mistura entre diferentes que partilham a revolta é insuportável às autoridades e aos que querem conservar a ordem. Isso fica explícito também na passagem em que Jourdan narra a manifestação contra a remoção da favela do Metrô-Mangureira, que aglutinou moradores e estudantes da UERJ em um combate direto contra a polícia e a ordem de remoção.

Os desdobramentos deste protesto chegaram até a universidade e expõem o atual estado das universidades no Brasil, diante do qual a professora anarquista age, inventando outros espaços como a Ação Direta de Educação Popular e o Grupo de Estudos Anarquistas Maria Lacerda de Moura. Há ainda outras questões que reverberam no livro, que também dizem respeito ao presente e às inquietações da libertária; e que mostram seu outro jeito de olhar e levar a vida, que não é só uma forma de analisar os temas centrais da obra, mas um estilo de vida libertário.

2013 que urge e ruga

Camila Jourdan, junto aos outros 22, foi detida às vésperas da final da Copa do Mundo de 2014. Seus relatos prosseguem desde o momento em que sua casa foi invadida e ela e seu companheiro foram detidos até a vida encarcerada, passando pelo espetáculo do tribunal. Os escritos sobre a sua prisão e a vida de prisioneira trazem a crueza e o terror que alimentam essa instituição, evitando melodramas humanitaristas, para afiar a análise e esmiuçar o funcionamento deste lugar que, como ela afirma, “não deveria existir”.

Na prisão, somente os animais são livres. Os mosquitos que sugam o sangue das presas e atrapalham ainda mais o sono, os pássaros que voam para dentro e para fora e os gatos que entram e saem — curiosamente, os gatos que viviam com a autora em sua casa, ao perceberem a invasão da polícia, correram para bem longe dali.

Vale ressaltar que este é um dos raros escritos de uma mulher que foi presa no Brasil. Poucos se importam com essa questão, poucas são as pesquisas e são escassas as histórias escritas por essas mulheres — que, em sua maioria, têm vivências muito diferentes da autora e das outras sete sentenciadas no “processo dos 23”. Com a garganta seca e a respiração curta, vamos da solitária *reformada*, branca e limpinha na Polinter, pronta para encarcerar corruptos e ativistas (ou seja, gente que não é pobre), para a cela que as militantes dividiram em Bangu. Lá, elas não eram tratadas como as demais presas, majoritariamente negras e pobres, pelas carcereiras, majoritariamente brancas — mesmo quando têm a pele negra — e reproduzem ali a estética da *branquitude* burguesa exercendo seu poder feminilizado com seus longos cabelos alisados, unhas compridas, maquiagem e salto alto. Jourdan sugere que

há uma dicotomia entre as vestimentas das carcereiras, que exigem ser chamadas de “senhoras funcionárias”, e das presas. Enquanto as primeiras reforçam os signos de feminilidade, o uniforme das presas — bermuda, camiseta e chinelo — remeta a uma estética que pode ser comum a ambos os gêneros. Como não existe neutralidade, esse visual é tido como masculino.

Em algumas passagens, a autora nos dá pistas e, generosamente, sugere questões que levam à reflexão. Em outras, ela é enfática e precisa, como quando escancara o modo com o qual se dão as relações ali e como a prisão funciona e se mantém por meio do medo. Medo que mantém também outras prisões, não somente a prisão-prédio, que constitui parte visível da cultura do castigo. Medo do qual aquelas e aqueles que fizeram o *junho* insurreto não precisaram se liberar, porque já estavam liberados. A prisão não produz consciência de liberação, apenas reitera a cultura do medo aos seus encarcerados.

Se naquele momento as forças repressivas agiam com brutal violência para espalhar o pânico pelas ruas, ele também foi necessário para a estratégia de criminalização do movimento. Camila Jourdan e os 22 vivem sob medidas restritivas, tiveram suas vidas invadidas e reviradas, e permaneceram por três anos à espera da sentença, na angustiada iminência da punição. Esta foi pronunciada em julho de 2018 e condenou a sete anos de prisão os 20 adultos, e a 5 anos e 10 meses os três que, entre 2013 e 2014, eram menores de idade. Após a condenação, iniciou-se o horror de uma nova espera.

A sentença foi dada às vésperas do lançamento de *2013: memórias e resistências*, mas é comentada pela autora que, ao

2013 que urge e ruga

longo de todo o livro, faz questionamentos e pontuações que demolem cada acusação e o processo, por meio de uma exposição também cruel. A crueldade não se deve às particularidades deste caso, mas ao próprio funcionamento do tribunal e do direito penal. Escancara a seletividade do sistema penal, para explicitar que *todo preso é um preso político*.

As análises que a autora faz da sentença, do processo e de todo o julgamento trazem à tona o teatro absurdo que lhes é inerente. Por vezes, tão ridículo, por vezes, tão cômico, na intenção de criminalizar a prática *black bloc* e os anarquistas. O inquérito é explícito: é a “delinquência política de viés anarquista a mais insidiosa e a que precisa ser mais fortemente combatida” (pp. 133-134).

Além dos relatos de suas memórias, o livro é composto por entrevistas que a libertária deu a distintas mídias, realizadas no calor do acontecimento, e que trazem a público suas análises no calor e frescor das batalhas. Jourdan faz do enfoque midiático uma brecha para afirmar a anarquia. Sem desculpas ou vitimização, libertária, instiga. No movimento final do livro, ela apresenta suas análises mais minuciosas sobre o *acontecimento* e seus efeitos. Como não se trata de um dogma, mas de anarquismos, nota-se na exposição da filósofa seu pensamento próprio e as reverberações das discussões e da perspectiva dos grupos anarquistas que ela frequenta e com quem se relaciona. Neste sentido, contribui muito para o pensamento anarquista hoje, colocando outras questões e modos de olhar, afirmando nossas diferenças.

Ao longo de todo o livro a autora enfatiza as diferenças. Em meio aos manifestantes mais radicais de *2013*, sublinha que não estávamos diante do óbvio, que

ali não estavam apenas militantes anarquistas e já adeptos da tática *black bloc*. Muitas outras pessoas cobriram seus rostos e partiram para ação. Bem distante da história contada pela mídia, e partilhada por alguns setores da esquerda institucionalizada, que diz que *junho de 2013* foi um movimento de jovens de classe média, ela expõe que a grande parte dos que incendiaram as ruas eram jovens pobres e pretos, que sentem na pele, cotidianamente, as violências do capitalismo e do Estado. Essas pessoas, diferentes mas com uma revolta em comum, escancaram a potência deste *acontecimento* que borrou identidades e identificações. Não à toa, os que querem ordem e governo ficaram enlouquecidos à procura de líderes e culpados. Foram até atrás do Bakunin... mas acharam 23 que podem ser encarcerados e servir de exemplo.

Antes deles, pegaram Rafael Braga, jovem preto e pobre, que portava um *perigoso* frasco de Pinho Sol. Os processos e as condenações de Braga também explicitam o absurdo. Como de praxe, já estava clara a intenção das autoridades em relação à vida dele. Camila Jourdan sinaliza que a ameaça não vinha do produto de limpeza, mas da existência desse jovem, “potencialmente revolucionário” e, portanto, amedrontador para as autoridades, os grandes proprietários e os acomodados com seus privilégios. Quantos e quantas não vivenciam violências semelhantes à de Rafael, mesmo não encarcerados em prisões-prédio? E se essas pessoas se revoltam?

A forma como os 23 foram pegos pelas autoridades faz lembrar tantos outros casos de perseguição aos anarquistas e antifascistas em todo o planeta. A coincidência com a Copa do Mundo faz gritar a lembrança da repressão na Rússia, as prisões e perseguições que não cessaram após

2013 que urge e rugue

a final, com a França campeã e a ação da Pussy Riot que invadiu o campo. Muitos libertários seguem presos e sendo torturados na Rússia, na Criméia e na Bielorrússia. Assim como em muitos outros cantos do planeta. Os anarquistas foram e continuam sendo alvo. Aqui no Brasil, também como efeitos repressivos de 2013, não podemos nos esquecer da perseguição aos anarquistas no sul do país, que culminou na Operação Érebo.

Ao esmiuçar sua história, Jourdan nos alerta para os meios usados corriqueiramente pelo Estado para tentar conter os libertários: “infiltração policial; prisões preventivas em bloco; foco espetacular midiático em alguns indivíduos; tentativa de cooptação das imagens do protesto radical para fins comerciais” (p. 131). Acrescenta-se também o monitoramento pela internet, notadamente publicações no Facebook, bem como o rastreamento de e-mails, aplicativos de mensagens e conversas telefônicas.

Camila Jourdan faz uma leitura favorável aos anarquistas no presente. Mostra como os anarquismos voltaram a chamar atenção também em outros lugares do planeta, a partir de outros *acontecimentos*, como a Grécia em 2008, Seattle em 1999, as *acampadas* e o *occupy* fechando a primeira década dos anos 2000. A esta lista, poderíamos acrescentar outras histórias de lutas e *acontecimentos* recentes. Seu livro nos convida a refletir sobre a vida de 2013 hoje e ampliar nossas práticas de liberdade.

Além de toda a franqueza com que fala, dos alertas precisos e da potência afirmativa com que relata suas memórias e mostra o presente, apartada de histórias tristes e de uma leitura derrotista, o livro *2013: memórias e resistências* urge: que se interrompam os julgamentos e sentenciamentos!